

**PROPRIEDADES DO REFLEXIVO ENTRE AS LÍNGUAS**

Dorothy Bezerra Silva de BRITO (Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada)

**RESUMO:** o principal objetivo deste trabalho é mostrar como a relação de reflexividade é estabelecida em diferentes línguas (inglês, alemão, islandês, russo, espanhol, entre outras) no intuito de fazer uma comparação entre estas e o Português Brasileiro (PB). Um outro objetivo é definir, afinal, que item seria responsável pela interpretação reflexiva atribuída a uma sentença, se os pronomes, os verbos ou o predicado como um todo. Observamos, também, sob a perspectiva gerativista de análise, os processos de mudança e/ou gramaticalização pelos quais passaram as estratégias de reflexivização em algumas línguas e, com base em tais dados, tentamos explicar por que o *se* reflexivo do PB, um elemento verbal cuja ocorrência era restrita à presença de antecedentes com traço gramatical de terceira pessoa, passou a ser usado com antecedentes de qualquer pessoa gramatical, ainda que com algumas restrições dialetais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reflexivos. Predicados reflexivos. Clíticos. Pronomes.

**1. Predicados reflexivos: uma abordagem comparativa**

Ao definir o que constituiria um contexto reflexivo válido para qualquer língua, Faltz (1985) utiliza o seguinte critério: uma oração simples que expressa uma predicação de dois argumentos, sendo um destes um agente humano ou experienciador e o outro um paciente. Tais orações seriam formadas por um verbo que denotaria o predicado, dois NPs, que seriam os argumentos, e qualquer outro material gramatical, tais como tempo, aspecto, modo ou concordância, requerido pela componente sintática. O autor aponta ainda a possibilidade de um dos NPs argumentos ser reduzido a um pronome ou completamente omitido, a depender da língua, se a referência for anafórica, dêitica ou não especificada. Se a língua possuir um mecanismo gramatical que indique que o agente/experienciador e o paciente de tais orações tenham o mesmo referente, então este mecanismo gramatical será, de acordo com Faltz, a estratégia reflexiva primária desta língua. A estratégia reflexiva primária do Português Brasileiro (doravante PB), por exemplo, seria o uso do reflexivo, clítico ao verbo, como em (1):

(1) João se viu no espelho.

Outras estratégias, porém, são válidas em PB, como a adjunção de *mesmo(a)* ao DP pronominal em (2):

(2) João viu ele mesmo no espelho.

Na classificação de Faltz (1985), a qual será adotada neste trabalho, esta última seria uma estratégia reflexiva secundária no PB.

Numa discussão sobre o mesmo tópico, Monteiro (1994) coloca que possíveis condições definidoras da reflexividade de um clítico (que o autor denomina *pronome átono*) seriam a) que ele se encontre na mesma pessoa gramatical do sujeito; b) que complete a predicação de um verbo transitivo e c) que se refira a um sujeito com os traços [+animado] e [+agente]. Os dados apresentados a seguir não corroboram a condição (a), já que podemos ter *se* como o reflexivo de antecedentes com especificações gramaticais diferentes das suas em

alguns dialetos do PB:

- Eu se lavo todos os dias.
- Nós se lava(mos) todos dias.
- Tu se lava(s) todos os dias.

Esta possibilidade estabelece uma oposição entre o comportamento das formas pronominais de terceira pessoa, por um lado, e de primeira e segunda pessoas, por outro. Esta oposição, em maior ou menor grau, não é uma peculiaridade do PB. No alemão, por exemplo, podemos comparar *mich* em (3) e (5) e *sich* em (4) e (6) (FALTZ, 1985, pp. 42-43):

(3) Ich                    sah mich  
1SG+NOM   vi   1SG+ACC<sup>1</sup>  
“Eu me vi”

(4) Er                    sah sich  
3SG+NOM   viu [REFL]  
“Ele se viu”

(5) Er                    sah mich  
3SG+NOM   viu 1SG+ACC  
“Ele me viu”

(6) \*Ich                    sah sich  
1SG+NOM   vi [REFL]  
“Eu se vi”

(alemão)

Como podemos observar, *mich* pode estar presente num contexto de referência disjunta, diferentemente de *sich* que, como o *se* reflexivo do PB<sup>2</sup>, não pode.

Mesmo em línguas que possuem formas específicas para o reflexivo em todas as pessoas, como é o caso do inglês, a terceira pessoa parece apresentar um comportamento diferenciado. Em inglês<sup>3</sup>, por exemplo, pode-se ter:

(7) I                    like   me.

<sup>1</sup> As siglas apresentadas têm o seguinte significado: SG – singular; ACC – caso acusativo; NOM – caso nominativo e REFL – reflexivo.

<sup>2</sup> Apesar da agramaticalidade de (4), apontada por Faltz (1985), Stimm (1974) cita a possibilidade da seguinte ocorrência em alguns dialetos do alemão:

(i) Wir müssen sich beeilen.  
Nós devemos se apressar.  
“Nós devemos se apressar”

Temos, então, uma possibilidade semelhante à encontrada no PB, ou seja, a neutralização de *sich*. Esta é uma afirmação muito forte que precisaria de um maior suporte empírico para se sustentar. Informantes do alemão consultados por mim não descartam a possibilidade de produção desta sentença, apesar de afirmarem nunca terem produzido ou ouvido algo semelhante. Alguns, porém, já encontraram construções parecidas em *blogs* na internet.

<sup>3</sup> Os dados foram testados com informantes aleatórios do inglês.

1SG+NOM gosto 1SG+ACC  
 “Eu gosto de mim”

(8) I like myself.  
 1SG+NOM gosto [REFL]  
 “Eu gosto de mim”

(9) They like them.  
 3PL+NOM gostam 3PL+ACC  
 “Eles gostam deles”

(10) They like themselves.  
 3PL+NOM gostam [REFL]  
 “Eles gostam de si mesmos”

(inglês)

Apesar da marginalidade da sentença em (7), esta e (8) são indistintas quanto à interpretação: não há objeção à afirmação de que sujeito e objeto têm o mesmo referente. Já (9) é ambígua quanto à referência (ou seja, *them* pode ter referência disjunta ou ser correferente em relação a *they*) e esta ambiguidade só se desfaz quando o reflexivo é usado, como em (10). Tendo em mente que os NPs de primeira e segunda pessoas são deitivamente especificados, os seus referentes são determináveis independentemente de qualquer estratégia interpretativa baseada na sintaxe. Por exemplo, voltemos ao alemão em (11) e (12):

(11) Hans sah mich  
 Hans viu 1SG+ACC  
 “Hans me viu”

(12) Ich sah mich  
 1SG+NOM viu 1SG+ACC  
 “Eu me vi”

(alemão)

O referente de *mich* é automaticamente determinado como o falante. O fato de (12), mas não (11), exibir correferência sujeito-objeto é acidental e irrelevante para a conexão entre *mich* e o seu referente, ou seja, *Ich* e *mich* são ambos dêiticos e a sua interpretação é independente da conexão sintática que há entre os dois. Tal conexão apenas se torna relevante para determinar o referente de um NP objeto quando este não é especificado de outra maneira por dêixis, ou seja, apenas para a terceira pessoa. É então que o reflexivo aparece para fornecer uma estratégia sintática que identifica o seu referente com o referente do NP sujeito.

Muitas línguas têm uma forma reflexiva especial para a terceira pessoa apenas. Faltz (1985) considera apenas o clítico reflexivo de terceira pessoa verdadeiramente reflexivo, devido à impossibilidade de este exercer alguma outra função em uma sentença, em oposição às primeira e segunda pessoas, que também podem ser clíticos objetos não correferentes.

## 1. Discussão

### 1.1 Estratégias de reflexivização

Faltz (1985) traça uma tipologia das estratégias de reflexivização entre as línguas. De acordo com o autor, em línguas como o alemão, o reflexivo é usado apenas quando contribui com informações que não podem ser extraídas de pronomes comuns. Assim, em *Ich sah mich* (cf. exemplos (3) e (12) acima), por exemplo, os pronomes de primeira pessoa (sujeito e objeto) marcam o falante tanto como experienciador quanto como paciente da instância de ver. O fato de o experienciador e o paciente terem o mesmo referente é uma consequência automática da referência não ambígua dos pronomes de primeira pessoa. O mesmo argumento se aplica a pronomes de segunda pessoa, que se referem ao ouvinte. Uma vez que apenas os pronomes de primeira e segunda pessoa determinam deitivamente os seus referentes, o reflexivo funciona como reserva apenas para a terceira pessoa não dêitica e anafórica (assim, potencialmente não específica). Assim, *sich* é o único dos pronomes que é somente reflexivo.

Por outro lado, em uma língua como wappo<sup>4</sup> (sentenças (13) e (14) abaixo), o reflexivo é usado sempre que há correferência, independentemente do traço de pessoa. Alternativamente, Faltz (1985, pp. 118-119) diz que, ao se adotar um NP objeto, nas estratégias reflexivas do tipo do alemão, checa-se primeiramente o traço de pessoa, e somente depois a reflexivização se aplica para eliminar a ambigüidade, se necessário<sup>5</sup>. Em estratégias reflexivas do tipo da língua wappo, por sua vez, checa-se a correferência primeiro e apenas depois o traço de pessoa é checado no caso de não haver correferência.

- (13)      ah              may'    hak'se'  
            1SG+NOM [REFL] gosto  
            "Eu se gosto"

- (14)      mi'              may'    ohkal-ta'    ha'  
            2SG+NOM [REFL] ferir PAS MI  
            "Você se feriu?"

(wappo)

De acordo com Faltz (1985, p.14), há duas estratégias diferentes entre as línguas para marcar um predicado transitivo P(x,y) como reflexivo, que podem ser ilustradas pela seguinte fórmula:

- (15)       $P(x,x) = P_R(x)$

À esquerda da equação temos a correferência sujeito/objeto representada nos próprios NPs sujeito e objeto. O autor nomeia esta estratégia como NP reflexivo, ilustrada pelas estratégias reflexivas primárias do inglês e do russo, em que um pronome especial é usado como NP objeto para sinalizar sua correferência ao sujeito.

- (16)      a. Ivan uvidel sebja              v    zerkale.  
            Ivan viu    REFL+ACC    no    espelho  
            "Ivan se viu no espelho"

- b. Ja              uvidel sebja    v    zerkale.

<sup>4</sup> Língua extinta falada por tribo cognata do Vale Alexander, norte de São Francisco, oeste da Califórnia (FALTZ, 1985, pp. 118-119).

<sup>5</sup> O autor, entretanto, não explicita tal mecanismo de checagem, apesar de assumir um modelo transformacional segundo o qual reflexivos são inseridos por uma regra sensível à referência do NP, assim como à configuração estrutural dos constituintes da sentença (FALTZ, 1985, p.73).

1SG+NOM vi [REFL] no espelho  
 “Eu se vi no espelho”

(russo)

Contudo, este NP reflexivo também pode consistir de uma parte pronominal mais uma parte reflexiva, como podemos observar em inglês (*him+self* – 3ª pessoa, masculino, singular). A partir de testes sintáticos, Faltz divide os NPs reflexivos em dois grupos: o primeiro contém os pronomes reflexivos puros e o segundo contém núcleos reflexivos com possessivos, reflexivos adjuntos e reflexivos adjuntos fundidos. Por este motivo, o autor considera conveniente usar o termo *reflexivos compostos* para cobrir estes três últimos tipos. Assim, reflexivos do tipo do inglês não seriam classificados como reflexivos pronominais, e sim como reflexivos compostos.

<i>him</i>	+	<i>self</i>
pronome de 3ª pessoa, masculino, singular		morfema reflexivo

O segundo tipo de estratégia reflexiva, representada pelo lado direito da equação em (15) e nomeada por Faltz (1985) como reflexivo verbal, é ilustrada pelo uso reflexivo da voz média em inglês e russo:

(17) a. Rebenok umylsja.  
 Criança+NOM lavou-[REFL]  
 “A criança se lavou”

(russo)

b. John got washed.  
 John AUX/PAS lavado  
 “John se lavou”

(inglês)

O sufixo *-sja* e a flexão da passiva *get* são modificações do verbo que o permitem aparecer em uma sentença intransitiva; (17) evidencia, então, que estratégias médias podem resultar numa interpretação reflexiva ou, ainda, que reflexivos e estratégias médias estão, de alguma forma, conectados<sup>6</sup>. Em francês, por exemplo, a estratégia reflexiva primária, que consiste na presença do clítico *se* na posição de objeto (18), também é usada em certos contextos intransitivos não reflexivos (19), considerados médios (FALTZ, 1985, p. 16):

(18) Jean se lave.  
 “Jean se lava”

(19) L’f dans le mot “clef” ne se prononce pas.  
 “O ‘f’ na palavra ‘clef’ não se pronuncia”

(francês)

Contudo, a estratégia reflexiva de uma língua pode mudar através dos tempos, assim como as suas representações morfológicas de pessoa. Faltz (1985, p. 215) exemplifica esta

<sup>6</sup> Cf. Klaiman (1991) para uma discussão mais acurada sobre este tópico.

possibilidade com o caso de um reflexivo pronominal se transformando em um reflexivo verbal. Para que isso possa acontecer, uma estratégia reflexiva pronominal tem que ser alterada em dois sentidos: (i) o pronome reflexivo deve perder a sua habilidade de ocorrer dentro de NPs oblíquos, ou seja, ele começa a mostrar algumas restrições e alguns efeitos de localidade; e (ii) o pronome reflexivo deve perder o estatuto de palavra independente e se agregar ao verbo (cf. BURZIO, 1986).

De acordo com Faltz, o exemplo mais próximo a uma documentação completa do processo de um reflexivo pronominal se tornando um reflexivo verbal é a transformação do reflexivo do latim, *se*, no que é de fato uma estratégia verbal em francês. O reflexivo do latim era uma estratégia pronominal típica:

- (20)            ei               erat               hospes               par               sui  
                 3SG+DAT ser+IMPF convidado+NOM igual REFL+DAT  
                 “Ele teve um convidado igual a si”  
(latim)

Considera-se que os seguintes processos ocorreram na história das estratégias reflexivas em francês: primeiramente, *se* se divide em duas formas, as quais Faltz aponta serem *se* e *soi*, usando as suas grafias modernas. A forma *se* é átona, e é limitada a ser objeto do verbo. Ela deve preceder imediatamente o verbo, podendo ser dele separada por algum outro pronome clítico átono. Estas restrições à ocorrência do *se* átono parecem ter entrado em vigor no momento em que a separação entre *se* e *soi* ocorreu, e ainda parece acontecer no francês moderno.

A forma *soi* é tônica. Ela pode ocorrer como complemento de uma preposição e também pode ser usada no mesmo contexto que *se*, precedendo ou seguindo o verbo do qual é objeto:

- (21)        uns sarrazins...met    sei    en piez  
              um saraceno    coloca REFL em pé+PL  
              “um saraceno coloca-se de pé”
- (22)        ki            home    traïste sei    ocit e altrui  
              qualquer homem traidor REFL mata e outros  
              “Um traidor destrói a si e aos outros”
- (francês, séc. 15)

Diferente de *se*, cujo uso continua constante até o presente, *soi* gradualmente teve sua ocorrência cada vez mais restrita. Mesmo nos períodos mais antigos, *soi* podia ser substituído por um pronome não reflexivo, como objeto (tônico) de um verbo:

- (23) mais lui meïsme<sup>7</sup> ne volt metre en ubli  
mas 3MSG REFL(?) NEG quer colocar no esquecimento  
“Mas ele não se esquece de si mesmo”  
(francês, séc. 15)

Ou como complemento de uma preposição:

<sup>7</sup> *Meïsme* é um marcador reflexivo, como a sua contraparte moderna *même*, a qual Faltz considera uma estratégia reflexiva secundária em francês.

- (24) Guillemes garde devant lui el chemin  
 Guillemes vê diante-de 3MSG o caminho  
 “Guillemes vê diante de si o caminho”

Por volta do século 15, segundo Faltz, não são encontrados registros de pronomes tônicos de qualquer tipo como objetos do verbo; assim, *se* restou como o único marcador reflexivo possível nesta posição. Como complemento de preposição, após um período de flutuações, *soi* gradualmente se estabeleceu no uso moderno restrito: é necessário que o seu antecedente seja subespecificado, i.e. o antecedente tem que ter uma referência arbitrária, como em (25) e (26).

- (25) il ne faut pas parler de soi  
 EXPL NEG deve NEG falar de REFL  
 “Não se deve falar de si”

- (26) Parler de soi c’est pas une bonne idée.  
 PRO falar de [REFL] é não uma boa idéia  
 “Falar sobre si não é uma boa idéia”

(francês)

Ainda de acordo com Faltz, algo semelhante parece estar acontecendo no espanhol. Como em francês, o *se* do latim deu origem a duas formas em espanhol, *se* átono e *sí* tônico, e, como no francês atual, *se* é restrito à posição de clítico verbal enquanto *sí* é restrito aos sintagmas preposicionais.

- (27) Pablo se ve.  
 Pablo [REFL] vê.  
 “Pablo se vê”
- (28) Pablo le habló a María de sí mismo  
 Pablo 3SG+DAT falou a María de [REFL]1 [REFL]2  
 “Pablo falou de si mesmo para Maria

- (29) Pablo le habló a María de él mismo  
 Pablo 3SG+DAT falou a María de 3MSG REFL2  
 “Pablo falou dele mesmo para María”

(espanhol)

Por outro lado, a maioria das ocorrências de *sí* (se não todas) pode ser substituída por pronomes não reflexivos (como em (29), por exemplo), com graus variáveis de aceitabilidade. A situação pode então ser comparada à do francês do século 15.

Em PB, também temos duas formas reflexivas que são cognatas às do espanhol: *se* e *si*. Semelhantemente ao espanhol, em PB *se* é um clítico verbal enquanto *si* é restrito a aparecer em sintagmas preposicionais.

- (30) Paulo se vê.
- (31) Paulo falou de si mesmo para a Maria.
- (32) Paulo falou dele mesmo para a Maria.



### 1.1. Mudança de reflexivo pronominal para reflexivo verbal

Um mecanismo crucial que opera na mudança de um reflexivo pronominal para um reflexivo verbal é a divisão entre pronomes átonos e tônicos, com os primeiros se cliticizando ao verbo. Embora esta divisão seja extremamente generalizada entre as línguas, ela não necessariamente leva um pronome reflexivo a se tornar um reflexivo verbal. Por exemplo, Faltz aponta que, após pronomes pessoais em proto-eslávico serem divididos em pares átonos e tônicos, o pronome clítico reflexivo átono deu origem ao reflexivo médio em russo (-*sja*), enquanto o reflexivo tônico (*sebja*) continuou como um reflexivo pronominal. A situação é, assim, reversa à do francês e do espanhol, nas quais o uso do pronome reflexivo tônico é restringido, restando o clítico verbal como a estratégia primária de reflexivização.

Spencer (1991) afirma, de maneira semelhante, que clíticos são palavras funcionais que, historicamente, derivam de palavras plenas e se movem em direção a uma mudança para afixos flexionais:

(33) *palavras plenas* → *palavras funcionais* → *afixos flexionais*<sup>8</sup>

Faltz afirma que uma característica morfológica que forneceria evidência do percurso histórico de um reflexivo é a sua interação com o traço de pessoa. Pronomes reflexivos podem exibir as seguintes especificações de pessoa:

(34) (i) todas as pessoas  
(ii) segunda e terceira pessoas  
(iii) terceira pessoa

Reflexivos compostos são sempre marcados para todas as pessoas, enquanto alguns reflexivos pronominais não o são. Desse modo, se numa dada língua um reflexivo verbal é marcado apenas na terceira pessoa, poderia se concluir que, num estágio anterior, a estratégia reflexiva da língua costumava ser pronominal. A estratégia verbal em francês e a possível futura estratégia verbal em espanhol, segundo Faltz, poderiam ser exemplos da aplicabilidade desta linha de raciocínio. Ele também afirma que se poderia assumir que o reflexivo verbal médio em islandês antigo derivou de um reflexivo pronominal a partir do fato de que a estratégia reflexiva consistia da sufixação de -*sk* em todos os casos, exceto pela primeira pessoa do singular, que era marcada com um sufixo diferente, -*mk*. Como suporte para o seu argumento, Faltz cita a forma sincrônica do pronome reflexivo *sik* (e a forma do pronome acusativo de primeira pessoa do singular, *mik*).

Faltz estende esta linha de raciocínio aos reflexivos pronominais e também ao morfema reflexivo em reflexivos compostos. Ele não só conclui que um pronome reflexivo usado em todas as pessoas tende a continuar sendo usado do mesmo modo ao se tornar um elemento verbal, como também que um pronome reflexivo restrito a algumas pessoas pode perder as restrições e passar a ser usado com todas as pessoas à medida que perde o seu estatuto de NP e se torna um elemento verbal: “Of course, this has not happened in French or Spanish, at least not yet. But it has happened in Scandinavian: the Proto-Germanic reflexive

<sup>8</sup>

Traduzido por mim a partir do original *Fully-fledged words* → *function words* → *inflectional affixes*.



pronoun *\*sik* was used in the third person pronoun only, whereas the middle suffix derived from it, *-s*, is used in all persons” (FALTZ, 1985, p. 225).

## 2. Conclusão

A observação dos dados nos mostra que o *se* reflexivo do PB, um elemento verbal antes restrito à terceira pessoa, passou a ser usado com todas as pessoas, ainda que com algumas restrições dialetais. Roberts & Roussou (2003) afirmam que uma mudança na língua sempre envolve simplificação estrutural. Estas simplificações são sempre locais, mas, em contrapartida, aumentam a complexidade em algum outro ponto do sistema. Faltz levanta a possibilidade de a mudança de um reflexivo usado apenas na terceira pessoa para um usado em todas as pessoas poder ser justificada pela manifestação de uma maior gramaticalização. Podemos considerar que, tendo em vista a composição interna de elementos pronominais (cf. DÉCHAINED & WILTSCHKO 2002a e 2002b, entre outros), o *se* apresenta uma simplificação estrutural (a ausência de traços gramaticais de pessoa, gênero e número) em comparação aos outros clíticos reflexivos do PB. O *se*, assim, poderia ser considerado apenas uma marca de reflexivização, uma vez que a sua presença impõe uma interpretação reflexiva ao predicado, função esta que, para os outros clíticos, estaria condicionada a outros fatores (localidade, identidade de traços com o antecedente, por exemplo). Esta característica representaria um nível maior de gramaticalização do reflexivo *se* em alguns dialetos do PB, em relação aos outros clíticos reflexivos desta língua. Este é um dos pontos que pretendemos desenvolver em investigações futuras.

## Referências

- BURZIO, L. **Italian Syntax**. Dordrecht, Holland: D. Reidel Publishing Company, 1986.
- DÉCHAINED, R. & M. WILTSCHKO. Decomposing pronouns, **Linguistic Inquiry**, 19, 2002a, pp. 521-582.
- \_\_\_\_\_. Deriving Reflexives. In: L. Mikkelsen and C. Potts (ed.), **WCCFL 21 Proceedings**, Somerville, MA: Cascadilla Press, 2002b, pp. 71-84.
- FALTZ, L. **Reflexivization: a Study in Universal Grammar**. New York: Garland, 1985.
- KLAIMAN, M. H. Grammatical Voice. **Cambridge Studies in Linguistics**. New York: Cambridge University Press, 1991.
- MONTEIRO, J. L. **Pronomes Pessoais**: subsídios para uma gramática do português do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 1994.
- ROBERTS, I. & ROUSSOU, A. **Syntactic Change: A Minimalist Approach to Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- SPENCER, A. Clitics. In: **Morphological Theory**. An introduction to Word Structure in Generative Grammar. Oxford: Blackwell, 1991.
- STIMM, H. Ein universelles Prinzip im Prozess der Verallgemeinerung des Reflexivpronomens, **Papiere zur Linguistik**, 6, 1974, pp. 5-33.